

JOULIA, Émilie. *Lévi-Strauss: l'homme derrière l'œuvre.* Paris: JC Lattès, 2008. 199 p.

Orlando Villas Bôas Filho
Faculdade de Direito da USP/CEBRAP

O ano de 2008 foi marcado pelo centenário de Claude Lévi-Strauss. Em meio às várias publicações que, nesse contexto, procuraram homenagear ou revisitar seu pensamento,¹ está o livro intitulado *Claude Lévi-Strauss: l'homme derrière l'œuvre*, organizado pela jornalista Émilie Joulia.

O livro é composto por três partes bem distintas. Na primeira, há testemunhos de pessoas que conviveram com o antropólogo estruturalista e que, a partir de diferentes perspectivas, abordam seu pensamento e, sobretudo, sua pessoa. Desse modo, além de colocar em perspectiva a obra de Lévi-Strauss, o livro procura fornecer ao leitor um retrato de seu autor. A segunda parte complementa as entrevistas com a transcrição de dois discursos que marcam o apogeu da carreira deste intelectual, com seu ingresso na Academia Francesa. Por fim, há a reprodução de alguns trechos da entrevista concedida a Jean José Marchand, em 1972, para os *Archives du XX^e siècle*.

No primeiro capítulo, Claudine Hermann relata uma série de lembranças pessoais que a ligam a Lévi-Strauss e que remontam à década de 40, momento em que ambos viviam em Nova Iorque. Trata-se de um relato que, em sua singeleza, permite enxergar o homem que se perfila por detrás da figura austera e cerimoniosa do autor da *Antropologia Estrutural*. Claudine Hermann alude a situações cotidianas, à primeira vista irrelevantes não fosse o fato de revelarem a pessoa de Claude, por trás de

Lévi-Strauss. Em meio a esse conjunto de *souvenirs* está a lembrança da autora acerca da melancolia que acometeu Lévi-Strauss quando de seu retorno à Europa, no início de 1945, em razão da tomada de consciência das atrocidades da guerra. Ele lhe teria dito, em tom cético, que “*chacun peut être, selon les circonstances, ou nazi, ou victime ...*”.

No segundo capítulo, Vincent Debaene, autor do prefácio ao volume *Œuvres* da *Pléiade* dedicado à obra de Lévi-Strauss, ressalta que, além de antropólogo, esse autor seria também um escritor extremamente preocupado com o trato formal de seus textos e com um intenso cuidado com a prosa. Debaene também aponta o interesse de Lévi-Strauss pela literatura e suas relações com escritores como André Breton e Michel Leiris. Nesse particular, ressalta a satisfação de Lévi-Strauss pela incorporação de sua obra nessa prestigiosa coleção enfatizando, entretanto, que a mesma teria decorrido, não da consagração da mesma, mas do fato de ser colocado ao lado de seus interlocutores imaginários, tais como Rousseau, Montaigne e Chateaubriand.

Debaene procura, ainda, indicar as razões que pautaram a escolha de Lévi-Strauss para a composição do volume da *Pléiade*. Segundo ele, em primeiro lugar, os textos escolhidos constituiriam uma boa amostra da obra como um todo, uma vez que neles se encontram os temas essenciais da reflexão do antropólogo, tais como a organização social, os mitos, os sistemas de classificação, a arte etc. Ademais, seriam textos relativamente acessíveis e que, nessa medida, constituiriam um bom canal de acesso ao resto da obra. Por fim, nota que Lévi-Strauss excluiu do volume textos importantes, tais como *Race et Histoire* e *Anthropologie Structurale* que, pela ressonância que tiveram noutras disciplinas, poderiam acarretar à obra um efeito de dispersão. De qualquer modo, o que se observa na seleção dos textos é a intenção de Claude Lévi-Strauss de não renunciar à dimensão antropológica de seu trabalho.

Trabalhando com Lévi-Strauss, como uma das pessoas encarregadas da organização do volume da Pléiade, Debaene, que teve acesso a seus cadernos de campo, descortina, ao leitor, um intelectual completamente desnortado pela profusão de sua experiência etnológica no Brasil. Novamente, o que se percebe a partir desse relato é que, por detrás da fachada hermética e sistemática do antropólogo estruturalista, há a figura de um jovem etnógrafo tomado pela riqueza das culturas com as quais travou contato. Vincent Debaene ressalta que o pensamento de Lévi-Strauss apresentaria uma grande coerência e fidelidade a si mesmo, tendo apenas ampliado progressivamente seus objetos de análise. Conclui, por fim, que haveria uma dimensão romanesca que ainda precisaria ser trabalhada em sua obra.

No terceiro capítulo, Jean José Marchand conta seu encontro com Lévi-Strauss, por ocasião de uma entrevista concedida para o programa *Archives du XX^e siècle*, em 1972. Com vistas a ressaltar os principais temas que foram objeto da entrevista, Marchand inicia sua análise abordando a ligação de Lévi-Strauss com o estruturalismo. Para tanto, sublinha a influência sobre ele exercida por Roman Jakobson. Ressalta também a importância da regra na estruturação de suas análises acerca da sociedade e dos sistemas de parentesco. Em seguida, enfoca a oposição entre estruturalismo e existencialismo, contextualizando-a em relação ao movimento estudantil de maio de 68 que, em vários momentos, se mostrou hostil à perspectiva estruturalista. Nesse particular, Marchand observa o engano de Lévi-Strauss ao imaginar que a crítica ao estruturalismo conduziria a um retorno a Jean-Paul Sartre uma vez que, na verdade, levou à consagração de autores como Deleuze, Foucault e Badiou. Por fim, Marchand conclui enfatizando que Lévi-Strauss seria um clássico francês que escreve influenciado pelo estilo do séc. XVIII, completamente absorvido pela ciência e inebriado por sua sensibilidade estética que, conjugados, teriam orientado seu olhar a outras sociedades.

No quarto capítulo, Françoise Héritier narra seus primeiros contatos com Lévi-Strauss, que remontam à década de 50, época em que ele figurava como diretor de estudos na seção de ciências religiosas da *École Pratique des Hautes Études*. Héritier, historiadora e geógrafa de formação e, à época, imersa na “*bienheureuse et béate ignorance*” dos europeus em relação às sociedades não-ocidentais, ressalta o teor enigmático e desorientador dos cursos de Lévi-Strauss que acabaram por suscitar seu interesse pela etnologia e a decorrente mudança de seu percurso intelectual. Ela enfatiza também o constante apoio por ele proporcionado às suas pesquisas e à sua carreira, inclusive no que concerne à sua indicação para sucedê-lo no *Collège de France*. Entretanto, a parte mais importante de sua abordagem, refere-se à sua divergência em relação a alguns pontos do modelo proposto por Lévi-Strauss, sobretudo no que concerne às relações entre gênero. Conforme Héritier, esse modelo do social está fundado na exogamia, que, segundo ela, se inspira no pensamento de Tylor. É nesse contexto que o princípio universal da proibição do incesto torna-se o mecanismo fundamental, pois, baseando-se na troca e na circulação das mulheres, criaria laços de aliança e solidariedade entre os grupos, ensejando, assim, relações de paz e colaboração.

Para Lévi-Strauss, a conjugação da proibição do incesto com o contrato de aliança entre grupos sobre os indivíduos e com a repartição sexual das tarefas permitiria instaurar a paz e a harmonia social, seja pelas trocas matrimoniais seja em razão de trocas econômicas ou lúdicas. Mas, ressalta Héritier, para que tivesse havido a troca das mulheres foi necessário que os homens tivessem tido consciência de seu poder sobre o corpo de suas irmãs e filhas, pois, nesse modelo, são os homens que trocam as mulheres entre si. Disso decorreria um princípio prévio que precisaria ser considerado: a dominação refletida e não simplesmente natural de um sexo sobre outro, ou seja, uma relação hierárquica de gênero. Segundo Héritier, a consideração desse aspecto, que não aparece na construção do modelo

social de Lévi-Strauss, é de fundamental importância, sendo, inclusive, mais relevante que os princípios da proibição do incesto, do contrato de aliança e da divisão sexual de tarefas.

Nesse sentido, Françoise Héritier ressalta que a questão relativa às diferenças hierárquicas entre os sexos que, para Lévi-Strauss, aparece como evidente e natural, seria primordial e fundadora de todo o resto. A esse respeito, entretanto, é preciso notar que ela constrói essa crítica de dentro do próprio modelo estruturalista ao qual afirma expressamente pertencer. Nesse sentido, sua preocupação também seria a de encontrar as estruturas que constituem regularidades em meio às variações dos sistemas, o que procurou fazer, por exemplo, em sua antropologia simbólica do corpo que postula que a análise estrutural pode ser aplicada aos domínios sensíveis do corpo e dos afetos e não somente aos planos intelectuais e míticos.

Concluindo a primeira parte do livro, Philippe Descola analisa a atuação de Lévi-Strauss no *Laboratoire d'Anthropologie Sociale* do *Collège de France* ressaltando seu caráter inovador, consistente, sobretudo, em ensinar que pesquisadores que trabalhavam isolados e dispersos em várias instituições nele encontrassem um espaço de experimentação e troca capaz de proporcionar uma reflexão de conjunto, fundada na comparação, sobre os aspectos gerais da vida social. O laboratório, inspirado em universidades norte-americanas, teria a pretensão de armazenar uma imensa massa de informações etnográficas para permitir, a partir do cruzamento das mesmas, a realização de investigações sistemáticas acerca de uma instituição ou de um aspecto social.

Descola ressalta que, no início da década de 60, os termos “antropologia social” e “laboratório” pareciam inusitados, sobretudo num contexto em que o termo corrente nos meios acadêmicos franceses era etnologia e no qual as pesquisas de campo eram raras. Observa, ademais, que as práticas correntes à época, em países como França, Alemanha e Rússia,

continuavam a consistir nas grandes “expedições”, no início designadas “naturalistas” e, em seguida, “etnográficas” que, posteriormente, seriam substituídas pelo método da “observação participante” desenvolvido por Malinowski. Assim, ressalta que a proposta de Lévi-Strauss constituiria uma notável inovação, sobretudo se for considerado que ele mesmo havia feito suas pesquisas de campo no Brasil, a partir do modelo das grandes expedições. Segundo Descola, tratava-se de transcender as pesquisas etnográficas, direcionadas ao conhecimento de uma ou outra sociedade específica, para reavivar, de um lado, o projeto da antropologia vitoriana do fim do séc. XIX ou, de outro, a que se inspirava nos pensamentos de Mauss e de Durkheim, consistente em procurar compreender, a partir de bases científicas, os princípios que governam a vida comum dos homens. A intenção era, portanto, de não se restringir apenas à acumulação de informações etnográficas de modo a desenvolver, mediante a combinação de competências teóricas, um conjunto de pesquisas acerca das regras comuns da vida social, no que concerne às suas similitudes e diferenças.

Philippe Descola também observa que Lévi-Strauss partilhava um traço comum com alguns de seus mais ilustres predecessores, tais como Durkheim, Mauss e Lévy-Bruhl, na medida em que era filósofo de formação. Trata-se, segundo o autor, de um traço distintivo da antropologia francesa e que explicaria sua vocação para interrogar os grandes problemas da condição humana, sobretudo a partir de um enfoque sensível à diversidade. Nesse contexto, o pensamento de Lévi-Strauss poderia ser caracterizado como uma filosofia da vida social concebida como um sistema de trocas simbólicas. Lévi-Strauss teria aplicado o método da linguística ao estudo dos elementos do real que a atividade inconsciente do espírito organiza em conjuntos significativos que apresentam um aspecto sistemático, a saber: as regras de parentesco e casamento, as classificações e os mitos, enfatizando as relações e combinações entre seus elementos e não suas propriedades intrín-

secas. Por fim, Descola descreve Lévi-Strauss como um homem pessimista em relação ao mundo e otimista em relação à ciência.

Os dois discursos que compõem a segunda parte do livro datam de 27 de junho de 1974 e referem-se ao momento em que Lévi-Strauss é recebido como membro da Academia Francesa, sucedendo Henry de Montherlant. Ambos os discursos são precedidos por notas explicativas de Émilie Joulia que visam contextualizá-los.

O primeiro discurso, que é do próprio Lévi-Strauss e, no livro, intitula-se “*Vous admettez pour la première fois chez vous un ethnologue*”, inicia-se com a observação de que, com sua eleição, pela primeira vez, um etnólogo entrava para a Academia Francesa. Assim, procurando explicar sua filiação à mesma, coisa que, à época, foi objeto de várias críticas, Lévi-Strauss faz um paralelo entre ritos da Academia e os das sociedades que foram objeto de sua análise etnológica. Essa análise, que sublinha a importância das instituições na construção da ordem social, parece ter a intenção de justificar as razões que o levaram, enquanto etnólogo, a postular um lugar entre homens de letra na Academia Francesa. Em seguida, faz, como de costume, um elogio a Henry de Montherlant, seu predecessor na Academia. Trata-se de um discurso clássico e direcionado, sobretudo, à justificação de uma candidatura que havia sido objeto de reprovação por parte do meio intelectual.²

O segundo discurso, intitulado “*Monsieur, lorsque vous remontiez les fleuves impassibles ...*”, consiste na resposta de Roger Callois que expressa uma crítica virulenta contra Lévi-Strauss e o estruturalismo. Nesse sentido, esse discurso – não propriamente por seu conteúdo, mas, sobretudo, em virtude de seu tom polêmico – é bem mais interessante que o de Lévi-Strauss. Não cabe aqui recuperar em detalhe suas teses, permeadas que são de um profundo etnocentrismo. O que interessa, sobretudo, é sua tenaz refutação a um relativismo cultural atribuído a Lévi-Strauss. Roger

Callois desfere seus ataques, organizando-os, sobretudo, ao redor do que ele denomina de “paradoxo da antropologia” (a única ciência que, segundo ele, contribuiria para a destruição de seu objeto), de “mito do bom selvagem” e de uma pretensão das ciências humanas e, principalmente, do estruturalismo, de tudo explicar tudo, de modo a passar da “conjectura plausível” (*conjecture plausible*) a uma espécie de “dedutividade irrecusável e infalível” (*deductivité irrécusable, infalible*).

Por fim, a terceira parte, intitulada “paroles de Lévi-Strauss”, consiste na transcrição de alguns extratos da entrevista por ele concedida, em 1972, a Jean José Marchand. Os trechos escolhidos referem-se, sobretudo, aos anos de formação de Lévi-Strauss, às suas experiências de docência e pesquisa e a alguns elementos polêmicos de sua obra, especialmente no que concerne à tese da proibição do incesto, proposta em *Les structures élémentaires de la parenté*. O livro cumpre sua proposta, pois o leitor, com um pouco de imaginação, quase consegue sentir o timbre rouco da voz do antropólogo.

Notas

- 1 A relação das obras publicadas no centenário Lévi-Strauss está em *La lettre du Collège de France*, intitulada *Claude Lévi-Strauss: centième anniversaire*. Paris: Collège de France, nov. 2008, pp. 77-78.
- 2 Note-se que em entrevista concedida a Didier Éribon, Lévi-Strauss enfatiza justamente que “j’ai voulu me justifier”. Cf. Lévi-Strauss, C.; Éribon, D. *De près et de loin*. Paris: Odile Jacob, 1990, p. 119.